



RESENHA

POR UMA RELAÇÃO INCÔMODA COM A LOUCURA

André Ricardo Nader¹

Resenha do livro: SCULL, Andrew. *Loucura na civilização: uma história cultural da insanidade*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2023.

Qual a função de olhar para o passado e conhecer a história daqueles que nos antecederam? A resposta a essa questão determina o modo como leremos o livro *Loucura na civilização: uma história cultural da insanidade* (2023) e como, por essa obra, seremos atravessados. Ela é escrita pelo sociólogo britânico Andrew Scull, que, ao trazer as diferentes maneiras pelas quais a loucura foi interpretada ao longo da história, diz muito sobre nossa atualidade – pelo menos para aqueles que ainda acreditam que o passado fala sobre o presente.

Vivemos em uma época e em uma cultura nas quais a história tem um peso ínfimo, pois o que é elevado à categoria daquilo que importa é o presente: nossas atitudes, nossas crenças e nossas percepções *atuais* seriam as únicas coisas que nos definiriam. Nada mais reducionista, mas, infelizmente, nada mais “verdadeiro” para definir o modo como nos subjetivamos nos dias atuais.

Existem diversas formas de nos afastarmos de uma relação com a história, das mais extremas às mais sutis. Do lado mais extremo, vemos atitudes de simples negação de certos acontecimentos históricos, como o holocausto, a escravidão ou a ditadura militar: atitudes conhecidas como negacionismo histórico. No campo das sutilezas, outro modo de afastamento não nega totalmente a história, mas a utiliza apenas para pensar o outro – para apontar suas inconsistências, suas contradições e revelar sua face sombria, ou seja, para denunciá-lo. Há aqui uma forma de apagamento, já que elementos do passado que poderiam servir para questionar *nossas* inconsistências e contradições, *nosso* lado sombrio, ficam silenciados; a história que valeria ser contada seria apenas aquela de nossos sucessos ou de nosso progresso. Nesse caso, portanto, a história serviria apenas como forma de exaltação ou como arma para denunciar o outro, perdendo parte de seu potencial transformador. Permitir que ocorra o encontro com aquilo que, em nós, nos descentra e nos coloca em dúvida é poder usufruir da força transformativa desse encontro: tarefa por vezes dolorosa, mas, sem dúvida, fundamental.

¹ Mestre em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Psicanalista. Atua nas áreas da saúde mental, psicanálise e saúde coletiva. *E-mail*: andre.r.nader@gmail.com.

O livro *Loucura na civilização: uma história cultural da insanidade* oferece-nos vastas possibilidades de nos descentrarmos e questionarmos nossas certezas, já que nos faz olhar para a história de como diferentes culturas, ao longo dos séculos, relacionaram-se com a loucura. E o adjetivo “vastas” não é um exagero, já que o autor atravessa um arco temporal impressionante, começando pelo Antigo Reino de Israel, mil anos antes de Cristo, e avançando até o início dos anos 2000.

Um primeiro exemplo que, nesse sentido, vale ser destacado diz respeito ao passado da disciplina psiquiátrica. O autor demonstra as formas pelas quais grandes atrocidades foram cometidas sob a aparência de serem, à época, a última grande descoberta a respeito da loucura. Foram diversas as teorias e práticas que surgiram sob a crença de que ofereceriam a derradeira fórmula para compreender e tratar o insano: supostos avanços médicos que, décadas depois, na melhor das hipóteses, revelariam sua ineficácia; e, na pior delas, ofereceriam cenas bizarras, a serem evitadas ao longo dos séculos seguintes.

Do lado mais aterrador, viram-se tratamentos em cadeiras giratórias e com chuveiradas geladas; uso de laxantes; indução de coma insulínico; terapias com o vírus da malária, chamadas de malatioterapia (causadoras de febres que supostamente curariam a loucura); e a prática da lobotomia frontal. Essa última – sem dúvidas, a prática mais violenta –, consistia em introduzir um picador de gelo sob a pálpebra do paciente, enquanto “um martelo era usado para ultrapassar a órbita do olho e penetrar os lobos frontais” (Scull, 2023, p. 357).

Na época em que foram colocadas em prática, a malarioterapia e a lobotomia foram tão bem recebidas (e tomadas como a solução final para a questão da loucura) que, em 1927 e 1949, respectivamente, foram reconhecidas com o prêmio Nobel de medicina. Uma revista de ampla circulação nos Estados Unidos da América (EUA) divulgava a lobotomia “como um ‘rejuvenescedor de personalidades’ que extirpava os ‘nervos da preocupação’ e era quase totalmente seguro” (Scull, 2023, p. 360). Ambas as práticas, como sabemos, caíram em descrédito e desuso ao longo das décadas posteriores.

Seria válido, a partir desses e de tantos outros fatos históricos trazidos pelo livro, perguntarmo-nos se, em nosso tempo atual, temos de fato as respostas para a questão da loucura – como nossos manuais psiquiátricos e nosso arsenal psicofarmacológico fazem crer. Seriam nossas práticas atuais a resposta final para essa questão, ou estaríamos apenas em mais um momento histórico que premia e divulga práticas que, no futuro, serão consideradas violentas e desumanas? Há uma série de estudos (Whitaker, 2017; Moncrieff *et al.*, 2023) que colocam em dúvida a validade de nossos

diagnósticos e a eficiência de nossas terapias, mas nem eles, nem a história pregressa dos ditos avanços psiquiátricos têm sido suficientes para questionar e transformar os pressupostos teóricos e as práticas da disciplina psiquiátrica. Esse é um campo avesso a revisões.

Um exemplo que atesta tal aversão ocorreu na década de 1960, após o filósofo Michel Foucault publicar uma famosa tese de doutorado na França – tese essa que, em 1961, se transformaria na obra seminal *História da Loucura* (2010). Depois da difusão desse livro, reforçou-se uma posição, na disciplina psiquiátrica, de negar qualquer visada histórica que não reconhecesse que tal campo estava em movimento de constante progresso, rumo à elucidação da loucura como um fato biológico e de natureza a-histórica:

Visões oraculares da Grécia antiga, rituais mágicos de uma tribo indígena ou possessões em um clã africano seriam, portanto, nada além de doenças mentais ainda não diagnosticadas, fenômenos à espera da iluminação, da revelação desde o saber médico – logo, diferentes momentos históricos e diferentes culturas em nada alterariam a verdade atemporal da psiquiatria (Nader, 2019, p. 63).

Foucault inverteu a lógica da história oficial da psiquiatria, demonstrando que ela é uma forma datada de compreender a loucura: menos protagonista de descobertas e mais um efeito de acontecimentos pregressos. Assim, aplicava-se uma transformação em tal disciplina – de detentora da verdade oculta a respeito do insano, ela passava a ser um efeito da loucura, da necessidade humana de explicá-la. A reação a tal publicação foi violenta, com a própria biografia do filósofo francês sendo usada como elemento de descrédito de seu trabalho – como, por exemplo, por meio de denúncias sobre os fatos de ele não ser da área psi, de ser gay ou de já ter tentado suicídio (Roudinesco, 1994).

Tal situação serve justamente para trazermos de volta a discussão sobre os diferentes usos da história, já que a possibilidade de a disciplina psiquiátrica se fazer questionamentos ficou impedida por um uso da história que serviu apenas para desqualificar o adversário (aliás, que o livro de Scull consiga melhores efeitos que esse). Como afirmamos, a força dessa leitura está em extrair, da história, consequências que sirvam não apenas para questionar o outro, mas especialmente a si: e o que não falta são oportunidades para isso.

Das conexões entre religião e a loucura, passando pela literatura e pelo cinema, *Loucura na civilização: uma história cultural da insanidade* traz episódios fundamentais para que cada um de nós possa se perguntar sobre o que funda – e como transformar – a própria relação com a loucura

no presente. Um desses episódios, que vale destacar, trata sobre algumas décadas nas quais a psicanálise, assim como ocorreu com a psiquiatria, transformou-se na disciplina que teria a chave para compreensão da loucura. Por meio desse “(...) interlúdio cheio de significados” (nome dado, pelo próprio Scull, ao capítulo sobre a psicanálise), entramos em contato não só com a história oficial de como Sigmund Freud fundou um novo campo, mas com uma série de acontecimentos que podem nos auxiliar a enxergar as contradições da psicanálise no presente. Dois desses acontecimentos merecem destaque.

O primeiro analisa como, na década de 1960, a psicanálise tornou-se dominante em solo norte-americano. E não apenas como campo de conhecimento, inserindo-se nas universidades e influenciando a construção dos manuais diagnósticos da época. O que mais chama a atenção é o modo como a prática psicanalítica ganhou *status*: os atrativos financeiros fizeram com que uma série de psiquiatras migrasse para essa disciplina. Com isso, eles deixavam seus postos em hospitais rumo a consultórios privados, nos quais fariam muito mais dinheiro. Tal guinada acarretou um cenário em que os pacientes com formas mais severas e crônicas de transtornos mentais fossem, em sua maior parte, “marginalizados e ignorados pela elite profissional, que tinha uma preferência acentuada pelos pacientes ambulatoriais mais prósperos” (Scull, 2023, p. 390).

O segundo acontecimento que merece destaque trata das teorias psicanalíticas que, na década de 1940, difundiram socialmente a ideia de que as mães eram as principais responsáveis por uma série de doenças mentais de seus filhos. De supostos quadros psicossomáticos (como a asma) a transtornos mais graves (como o autismo), a causa era sempre igual: os genitores e, especialmente, as mães. O caso da asma é curioso:

Suas origens, pensavam os analistas, estavam numa “mãe asmagênica” – ambivalente, assolada pela culpa, hostil e incapaz de acolher, ainda que negasse alegremente seus sentimentos inconscientes e os transformasse num simulacro de mãe protetora (mas na verdade uma superprotetora patológica) (Scull, 2023, p. 394).

As mães eram caracterizadas como seres altamente perigosos: frias, obcecadas e emocionalmente congeladas. Essas características seriam produtoras de adoecimento dos filhos, que, em vez de lobotomias, precisariam de uma *parentectomy*: proposição que defendia a necessidade de afastar as crianças de seus pais como estratégia de cura.

Os desinvestimentos na assistência a casos graves ou crônicos, motivados por razões financeiras, assim como as lógicas etiológicas pautadas em julgamentos morais, não foram inventados pela psicanálise (como o

próprio livro demonstra). Essas são situações que vêm se repetindo ao longo de séculos, com as mais diversas roupagens, mas mantendo certa configuração que poderia abrir uma questão *para nós* no presente: seguimos repaginando esses códigos de relação?

Essa é a força do livro de Scull: trazer elementos que retratam diversas épocas e, ao mesmo tempo, oferecem a oportunidade de compreender os movimentos que se conservam na história – como raízes profundas que produzem quem *nós* somos hoje. Uma das possibilidades de transformação reside justamente em não ocultarmos, *para nós mesmos*, a existência de tais raízes, exigindo-nos o estabelecimento de uma relação com o não consistente e com o que contradiz, ou seja, com aquilo que Freud definiu como *unheimlich* – o incômodo; o estranhamente familiar.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. *História da loucura: na idade clássica*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FREUD, Sigmund. *O incômodo*. São Paulo: Ed. Blucher, 2021.
- MONCRIEFF, Joanna; COOPER, Ruth E.; STOCKMANN, Tom. *et al.* The serotonin theory of depression: a systematic umbrella review of the evidence. *Mol Psychiatry*, v. 28, p. 3.243-3.256, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41380-022-01661-0>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- NADER, André. *O não ao manicômio: fronteiras, estratégias e perigos*. São Paulo: Benjamin Editorial, 2019.
- ROUDINESCO, Élisabeth. *Foucault: leituras da história da loucura*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1994.
- SCULL, Andrew. *Loucura na civilização: uma história cultural da insanidade*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2023.
- WHITAKER, Robert. *Anatomia de uma epidemia: pílulas mágicas, drogas psiquiátricas e o aumento assombroso da doença mental*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017.